

A DEFESA DA CIDADE E DO TEMPLO DE JERUSALÉM EM JUDITE E 1 MACABEUS: UM DIÁLOGO ENTRE TRAUMA, GLOBALISMO E MEMÓRIA

THE DEFENSE OF THE CITY OF JERUSALEM AND ITS TEMPLE IN THE BOOK
OF JUDITH AND 1 MACCABEES: A DIALOGUE BETWEEN TRAUMA,
GLOBALISM AND MEMORY



Victor Passuello¹

Resumo

Mostraremos neste artigo como o autor de Judite escreveu uma história ficcional global e teológica dos Judeus do Segundo Templo inspirada, em parte, por alguns episódios históricos que aparecem no livro de 1 Macabeus. Assim, destacaremos, a partir da reflexão dos mesmos eventos históricos destacados em 1 Macabeus, o autor de Judite reconstruiu uma diferente interpretação memorial e teológica sobre a defesa de Jerusalém e do seu templo que foi inspirada, tanto pela memória dos textos sagrados da tradição bíblica (Antigo Testamento), como pelos textos judaico-helenísticos e gregos. No livro de Judite tanto o passado bíblico, como as tradições e culturas gregas são combinadas com a intenção de superar os eventos traumáticos narrados no livro de 1 Macabeus.

Palavras-chave: Trauma; memória; História global helenística.

Abstract

We will show in this article how the author of Judith wrote a global fictional and theological history of the Jews of the Second Temple inspired, in part, by some historical episodes that appear in the book of 1 Maccabees. Thus, we will point out, from the reflection of the same historical events highlighted in 1 Maccabees, the author of Judith reconstructed a different memorial and theological interpretation of the defense of Jerusalem and its temple that was inspired both by the memory of the sacred texts of the biblical tradition (Old Testament), as well as by the Judeo-Hellenistic and Greek texts. In the book of Judith, both the biblical past and Greek traditions and cultures are combined with the intention of overcoming the traumatic events narrated in the book of 1 Maccabees.

Keywords: Trauma; memory; Hellenistic global history.

¹ Doutorado (PhD) no Departamento de Estudos Clássicos - Universidade de Reading (Grã-Bretanha, 2011). Mestrado em História Antiga pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004), mestrado em M. A. in Classics - Reading University (2005). Atualmente é professor efetivo da Universidade Estadual de Goiás e membro colaborador do PPGHIS de História da UEG - Câmpus Sul Morrinhos, na linha 2, Cultura, Religião e Sociedade. E-mail: victor.passuello@ueg.br.



Introdução

O livro de Judite é um livro que pode ser classificado como uma novela ficcional pseudo-histórica, assim, como os textos gregos de Cáriton de Afrodísias (Quéreas e Calírroe), Heliodoro de Emesa (As Etiópicas) e Longo (Dáfnis e Cloé). No entanto, o livro de Judite foi escrito na época Helenística (Século II A.E.C.) antes da popularização das novelas antigas gregas Helenísticas e Romanas (Séculos I A.E.C. - IV E.C.). O gênero das novelas antigas escritas em grego é inspirado pelas conquistas de Alexandre Magno que aconteceram por volta do século IV A.E.C., pois a partir dessa época o mundo antigo helenístico começou a ficar mais interligado e conectado, transcendendo as questões particularistas que existiam no mundo da pólis clássica. Uma característica das novelas antigas é que elas são escritas em prosa como na História, mas envolvem um romance entre um herói ou heroína ou amantes. No entanto, a sequência cronológica dos eventos históricos narrados, como pano de fundo, não segue uma cronologia clara². Assim, queremos dizer que os eventos históricos são importantes para as novelas históricas, mas eles são interpretados a partir da junção de vários contextos históricos diferentes que se misturam, e seguem uma clara mensagem universalista do bem contra o mal. A questão do entretenimento, da didática moral e teológica prevalecem sobre a história, assim como, a universalidade prevalece sobre os particularismos. Mas, também, como os textos de ficção utópicos eles pretendem servir de contraponto ao que ocorreu na história. A história em Judite é fictícia, mas consequente em termos religiosos e políticos³. Podem ser textos críticos da história como ela aconteceu, mas funcionam como histórias alternativas (utopias) e complementares que é o caso do texto de Judite em comparação com o texto de 1 Macabeus.

O livro de Judite, assim, pode ser classificado como uma novela ficcional que é inspirada em eventos históricos. No entanto, diferentemente das novelas gregas antigas nas quais os personagens e os protagonistas são separados e enfrentam desafios épicos para realizar os seus desejos de ficarem juntos, as novelas judaicas (Judite, Ester e Tobias), escritas e traduzidas do hebraico para o grego *koiné* no período helenístico por volta dos séculos III e II A.E.C., estão

² WILLS, Lawrence M. **Judith**. Minneapolis (USA): Fortress Press, 2019. p. 87.

³ STORNIOLO, Ivo. **Como ler o livro de Judite**. São Paulo: Paulus, 2018. p. 7-8.



centradas na questão do dominador e dominado que era comum após a conquistas gregas sobre o Oriente Próximo⁴.

O livro de Judite não entrou no cânon oficial judaico, na Bíblia Hebraica, sendo considerado com um livro extra canônico para judeus e protestantes e Deutero-Canônico para os Católicos. Isto é, ele entrou no cânon católico, apesar de ser um texto judaico.

Por essas questões e outras Judite é um texto singular entre os textos judaicos do Judaísmo do Segundo Templo. O texto de Judite, apesar de ser um texto ficcional, apresenta muitos detalhes e fatos que têm um fundo histórico e que estão ligados ao passado da Bíblia Hebraica. Como, por exemplo, a história do cerco do rei Assírio Senaqueribe sobre a região da Judéia e Jerusalém em 701 A.E.C. Esse evento histórico é descrito em 2 Reis⁵ e Isaías⁶. A história do sucesso militar de Judas Macabeu contra as tropas selêucidas que eram comandadas por Nicanor, general do rei selêucida Demétrio I Sóter (187-150 A.E.C), também, é lembrada no livro de Judite⁷. Em ambos os casos, os judeus saíram vitoriosos, pois Senaqueribe não conseguiu invadir Jerusalém, apesar de ter destruído a maioria das cidades ao redor de Jerusalém. No caso de Nicanor, general selêucida, a vitória dos judeus se deve pelo sucesso de Judas Macabeu que derrotou as tropas de Nicanor e decepou a sua cabeça. A cabeça de Nicanor foi exibida perto da muralha de Jerusalém⁸. Como afirma Otzen⁹, o contexto histórico fictício de Judite se passa na época dos Assírios e, também, faz alusões à época dos Macabeus, uma vez que o seu texto provavelmente foi escrito um pouco depois da vitória de Judas Macabeu contra Nicanor, quando a dinastia dos Hasmonéus já estava estabelecida no poder na Judéia por volta do ano 100 da A.E.C. O livro de Judite nos seus últimos capítulos descreve que Judite após decepar a cabeça de Holofernes, general do rei Nabucodonosor II, colocou-a em um saco e levou para a sua cidade *Betúlia*. Chegando na cidade, ela mandou que os judeus exibissem a cabeça do líder gentio nos muros da cidade¹⁰.

⁴ WILLS, Lawrence M. **Introduction to the Apocrypha**. New Haven & London: Yale University Press, 2021. p. 87.

⁵ **2 Reis: 18-19.**

⁶ **Isaías 36-37.**

⁷ **1 Macabeus 7:26-50; 2 Macabeus 15:1-36.**

⁸ **1 Macabeus 7: 44.**

⁹ OTZEN, Benedikt. **Tobit and Judith**. London & New York: Sheffield Academic Press, 2002. p. 78.

¹⁰ **Judite 14:1.**



Desse modo, fica claro que a memória polemológica (*i.e.* arte da guerra) e teológica passada da resistência dos judeus contra o rei Assírio Senaqueribe conforme descrita em 2 Reis e Isaías serviu de inspiração para o texto de Judite. Mas, o nosso objetivo aqui é destacar que o livro de Judite é uma resposta polemológica e religiosa alternativa aos eventos narrados em 1 Macabeus que falam sobre como Judas Macabeu e as suas tropas abandonaram, momentaneamente, a cidade e o Templo de Jerusalém depois da batalha de *Beit Zecharia*. Esse abandono tático permitiu que as tropas do rei Demétrio I Sóter em conjunto com o sumo sacerdote judeu Alcimo, simpatizante do rei selêucida, entrassem no templo e assassinassem um grupo sacerdotal judaico conhecido como os *assideus*¹¹. Assim, tanto o general de Demétrio I, Báquides, como Alcimo são considerados ímpios para os judeus, seguidores dos Macabeus, e, também, para o autor de Judite. Báquides e Alcino, para os judeus, cometeram sacrilégios (assassinatos) dentro do Templo de Jerusalém.

Acreditamos, assim, que o livro de Judite foi fortemente influenciado pela tradicional história teológica do sucesso que os judeus tiveram contra Senaqueribe, uma vez que o rei Assírio não conseguiu destruir Jerusalém, apesar do longo cerco à essa cidade. Ao fazer a alusão a história polemológica e religiosa do cerco de Jerusalém pelo rei Assírio *Senaqueribe* descrita no *Antigo Testamento* o autor de Judite queria que essa história tradicional e teológica servisse como uma perlaboração aos eventos históricos traumáticos que estão relacionado com tática (guerrilha) de abandono momentâneo do Templo de Jerusalém adotada por Judas Macabeu e as suas tropas na batalha de *Beit Zechariah*. A batalha de *Beit Zechariah* aconteceu antes da vitória de Judas Macabeu contra Nicanor, general do rei selêucida Demétrio I Sóter, na batalha de Adasa, que aconteceu no dia 13 do mês de Adar em 161 A.E.C¹².

Defenderemos, assim que o(a) autor(a) de Judite construiu uma narrativa teológica e pseudo-histórica alternativa em relação ao abandono momentâneo que Judas Macabeu adotou em relação à cidade de Jerusalém e ao Templo, antes de sua vitória na batalha de Adasa. As táticas de abandono

¹¹ **1 Macabeus 7: 7-17.** Em hebraico *Hasidim*, piedosos. Grupo de escribas que eram favorável a paz com os Selêucidas.

¹² Veremos abaixo o que significa o conceito de perlaboração tirado do vocabulário psicanalítico e como podemos aplicá-lo ao contexto religioso do livro de Judite e do Judaísmo do Segundo Templo.



momentâneo do templo e não confrontação direta contra as tropas selêucidas são narradas nos capítulos 6 e 7 de 1 Macabeus.

No entanto, não existe uma crítica direta política e teológica aos Macabeus e a sua dinastia no texto de Judite. Judite é claramente um texto ficcional e pseudo-histórico que é favorável à dinastia dos Macabeus. Em vez da crítica direta temos uma história teológica e global alternativa que pretendia mitigar os eventos históricos traumáticos que aconteceram com os *assideus* no Templo de Jerusalém. Para o autor de Judite a defesa do Templo de Jerusalém e a sua violação por estrangeiros é um tema capital que provavelmente o motivou a escrever o livro de Judite, pois envolvia a questão do sagrado (puro) \ profano (impuro). O sagrado e o profano são temas centrais na teologia e o pensamento do templo de Jerusalém na época do Judaísmo do Segundo Templo¹³. Não encontramos essa mesma ênfase, de defesa do Templo, no texto de 1 Macabeus.

Glocalismo e globalismo na época helenística e a resistência aos impérios

Vamos defender aqui que o(a) autor(a) de Judite queria construir uma nova memória global de resistência teológica aos impérios estrangeiros que privilegiava a inviolabilidade (pureza) do Templo de Jerusalém. Nesse sentido, o livro de Judite, além de ser um texto que responde a um evento histórico traumático, usa o gênero ficcional das novelas, conhecido pelos gregos, para construir uma memória teológica global de cunho ecumênico. Um dos objetivos do autor de Judite era então colocar a defesa do templo de Jerusalém por YHWH em uma perspectiva que pudesse ser comparada, em termos propagandísticos e religiosos, com as narrativas de defesa de santuários locais contra os grandes impérios históricos que eram comuns entre os gregos antigos como é o caso da Crônica de Lindos e Heródoto¹⁴.

¹³ SCHMIDT, Francis. **O pensamento do templo**. De Jerusalém a Qumran. São Paulo: Edições Loyola, 1998. p. 74-78.

¹⁴ A Crônica da cidade de Lindos é datada de 99 A.E.C., mas faz referência também a um passado grego global mais antigo. Essa crônica é uma inscrição histórica e votiva dedicada a deusa Atenas do templo da cidade de Lindos que está localizada na ilha de Rodes. O templo Dórico da cidade de Lindos provavelmente data de 200 A.E.C. Defenderemos aqui que a narrativa epifânica da Crônica de Lindos inspirou em parte o autor(a) de Judite ao construir a sua narrativa teológica global de defesa do Templo de Jerusalém por YHWH. A questão global e teológica é possível de ser comparada entre os textos de Judite e da Crônica de Lindos pois ambos os textos fazem referências históricas e teológicas as Guerras Médicas (499-449 A.E.C.) conforme mostram CAPONIGRO, Mark Stephen. Judith, Holding the Tale of Herodotus. In: VANDERKAM, James C. (org.). **No One Spoke Ill of Her**: Essays on Judith. Atlanta, Georgia:



Explicaremos, então, que o texto de Judite era um texto multifacetado que respondia tanto as questões locais dentro do judaísmo, em termos de recriação de uma memória do passado e a superação de traumas religiosos. Mas, a superação desse trauma religioso e histórico em Judite não parte somente do passado bíblico, uma vez que o texto de Judite, escrito na Época Helenística, também respondia ao seu presente. Na Época Helenística, como disse Paul Kosmin¹⁵, existia um sentimento de que as pessoas estavam vivendo em uma época diferente das passadas, pois foi desenvolvido um contato efetivo entre as diferentes culturas do Oriente Próximo antigo por causa das conquistas de Alexandre. Existia, assim, uma circulação e coleta de diferentes informações e textos de diferentes culturas tanto a partir da cultura material, como na literatura. Foi partir da Era Helenística que se estabeleceu a escrita da história universal, o que indica que a Era Helenística, guardada as devidas proporções com a contemporaneidade, pode ser considerada uma era global e glocal.

O conceito de glocalismo usado por Vlassopoulos¹⁶ vai servir para mostrar como o(a) autor(a) de Judite criou uma narrativa que tinha características globais, mas, também, críticas em relação as interações entre gregos e judeus. Mas essas interações globais, entre diferentes culturas no espaço e no tempo, aqui trabalhadas não são interações comerciais ou sociais, mas sim interações narratológicas, históricas e teológicas que não apagam às críticas que os judeus fizeram aos impérios antigos. Globalismo e resistência são conceitos que interagem no livro de Judite.

O diálogo entre Judite e 1 Macabeus sobre a melhor tática de defesa do Templo de Jerusalém

A conexão que existe entre 1 Macabeus e Judite podem ser vistas sob dois ângulos. Judite é uma heroína que se espelha nas ações de Judas Macabeu, conforme é narrado no livro de 1 Macabeus. E por outro lado, a ambientação histórica do texto de Judite guarda semelhanças com o texto de 1 Macabeus,

Scholars Press, 1992 e WILLS, Lawrence M. **Judith**. Minneapolis (USA): Fortress Press, 2019. p. 46.

¹⁵ KOSMIN, Paul J. The Hellenistic Period: History and Culture. In: KLAWANS, Jonathan; WILLS, Lawrence M. (org.). **The Jewish Annotated Apocrypha**: New Revised Standard Version. Oxford: Oxford University Press, 2020. p. 539.

¹⁶ Glocalização é a forma pela qual as comunidades locais respondem e se adaptam a cultura grega comum e universal. Ver VLASSOPOULOS, Kostas. **Greeks and Barbarians**. Cambridge (U. K.): Cambridge University Press. 2013. p. 19-32.



principalmente em termos polemológicos, isto é, sobre a arte da guerra. A descrição das táticas empregadas pelas forças do rei assírio Nabucodonosor¹⁷, quando decidiu iniciar uma campanha contra as forças judaicas que estavam estacionados na cidade não identificada de Betúlia, conforme narrada nos primeiros capítulos de Judite 1-7, apresenta semelhanças com a narrativa histórica de 1 Macabeus 6-7.

Nos dois livros temos uma história de cerco à cidade e ao templo de Jerusalém. Nesse sentido, a defesa da cidade não identificada de Betúlia, descrita em Judite, que era a última cidade de defesa, antes de Jerusalém, é um espelho das narrativas históricas de 1 Macabeus que descrevem as preparações de defesa feitas pelos judeus contra os selêucidas que cercaram e invadiram as vilas de Betsur, Bet-Zacarias e a cidade de Jerusalém e o seu Templo. Betsur e Bet Zacarias, como Betúlia, eram, também, os últimos bastiões de defesa da cidade de Jerusalém¹⁸. Os cercos e as invasões de Jerusalém pelas tropas selêucidas são narrados durante a batalha pela tomada das vilas de Betsur e Bet-Zacarias, que aconteceram durante a segunda campanha do general Selêucida Lísias (general do rei Antíoco V) e nas campanhas de Báquides, governador da região, e Nicanor, general do rei Selêucida Demétrio I, que sucedeu Antíoco V¹⁹.

A historiadora M. F. Baslez²⁰, em um artigo muito interessante, defendeu que as descrições polemológicas e geográficas do livro de Judite se parecem muito com a descrição das batalhas de Bet Zacarias e de Betsur que

¹⁷ Claramente sabemos que o rei Nabucodonosor não era um rei assírio, mas ele, provavelmente, foi incluído na narrativa de Judite, pois o seu autor queria fazer uma narrativa crítica para todos os reis da história que estiveram envolvidos com a destruição e conquista do Templo de Jerusalém. Nabucodonosor II destruiu o Templo de Jerusalém pela primeira vez em 587 A.E.C.

¹⁸ É importante lembrar que os vilarejos de Betsur como Betúlia estão localizados no topo de passagens montanhosas. Logo depois da vila Betsur tinha a vila de Bet-Zacarias já no caminho montanhoso que dava para Jerusalém. Foi em Bet-Zacarias que aconteceu a batalha na qual as tropas Selêucidas impuseram uma derrota ao exército de Judas Macabeu, que abriu as portas para o cerco e tomada, momentânea, do Templo e da cidade de Jerusalém (1 Macabeus 6: 28-61). Mas essa conquista de Jerusalém durou pouco, pois as tropas de Lísias tiveram que retornar para a cidade de Antióquia, capital dos Selêucidas, e assim ele fez um acordo de paz com os judeus e manteve a liberdade religiosa dos Judeus. Lísias teve que voltar para a Antióquia, pois uma disputa pelo trono selêucida estava em curso entre Antíoco V e o novo pretendente ao trono, Demétrio I. Em 162 A.E.C Demétrio I consegue tomar o trono. E foi durante o reinado de Demétrio I, que os sábios judeus *assideus* foram assassinados dentro do Templo Jerusalém (1 Macabeus 6: 16-17). Para uma reconstituição histórica desses eventos ver SCHURER, Emil. **História do Povo Judeu no tempo de Jesus Cristo (175 a.C. – 135 d.C.)**, v. 1. São Paulo: Academia Cristã, 2023. p. 245-249.

¹⁹ **1 Macabeus 6: 48-63; 7: 1-18.**

²⁰ BASLEZ, Marie-Françoise. Polémologie et Histoire dan le livre de Judith, **Revue Biblique**, França, v. 111, n. 3, p. 362-376, 2004.

aconteceram em 162 A.E.C. e são narradas nos capítulos 6-7 de 1 Macabeus. A descrição das táticas de cerco e armas adotadas pelo exército Selêucida em guerras de montanha em 1 Macabeus contra as forças de Judas Macabeu provavelmente influenciaram a narrativa de Judite. Segundo Baslez²¹, o autor de Judite pretendia corrigir os erros que as tropas de Judas Macabeu cometeram ao deixar desprotegida e vulnerável a cidade e o Templo de Jerusalém. O livro de Judite, assim, queria reciclar a história desses acontecimentos narrados em 1 Macabeus para que essas invasões fossem evitadas no futuro.

É importante lembrar que não temos nenhuma crítica em 1 Macabeus ao abandono momentâneo de Jerusalém e do Templo por parte de Judas e as suas tropas. Mas a diferença entre os dois textos é significativa em termos da proteção à cidade de Jerusalém. A defesa e a inviolabilidade do Templo é um ponto central no texto de Judite. Para o autor de 1 Macabeus, defensor ferrenho dos Hasmoneus, a defesa do Templo era importante, mas não necessária naquele momento, pois as tropas selêucidas eram mais fortes e numerosas. Judas Macabeu adotou, assim, uma tática de guerrilha com ocasionais fugas e batalhas rápidas até conseguir o enfraquecimento das tropas selêucidas, que levaram a morte de Nicanor, general do rei Selêucida Demétrio I, que aconteceu na Batalha de Adasa²².

Nem todos os estudiosos modernos concordam com a argumentação de Baslez²³ de que a batalha de Bet Zacarias serviu de referência para o autor de Judite²⁴, mas existem evidências de que a descrição de cercos e armas usadas nas batalhas de montanhas em ambos os textos, escritos em grego *koiné*, são bem similares²⁵. A posição aqui adotada, em relação aos argumentos de Baslez, é que ela tem razão em apontar uma correlação do texto de Judite com os eventos históricos que começam com a batalha de Bet Zacarias (162 A.E.C.) e terminam

²¹ BASLEZ, Marie-Françoise. Polémologie et Histoire dan le livre de Judith, **Revue Biblique**, França, v. 111, n. 3, p. 362-376, 2004.

²² Os hasmoneus eram os membros da dinastia governante de Israel (140 – 37 A.E.C.), Reino judaico religioso independente situado na Terra de Israel. A dinastia dos hasmoneus, de origem judaica, foi fundada sob a liderança de Simão Macabeu, duas décadas depois de seu irmão, Judas Macabeu ("Martelo") derrotar o exército selêucida durante a Revolta Macabeia, em 165 A.E.C. O Reino Hasmoneu sobreviveu por 103 anos antes de se render à dinastia herodiana, em 37 A.E.C.

²³ BASLEZ, Marie-Françoise. Polémologie et Histoire dan le livre de Judith, **Revue Biblique**, França, v. 111, n. 3, p. 362-376, 2004.

²⁴ GERA, Deborah Levine. **Judith**. Berlin & Boston: De Gruyter, 2014. p. 41.

²⁵ Para maiores detalhes ver os comentários de GERA, Deborah Levine. **Judith**. Berlin & Boston: De Gruyter, 2014, p. 39-41) e WILLS, Lawrence M. **Judith**. Minneapolis (USA): Fortress Press, 2019. p. 14-15.



com a invasão do Templo de Jerusalém pelas forças Selêucidas antes da batalha de Adasa (161 A.E.C.). Veja, por exemplo, que ambos os textos (Judite e 1 Macabeus) descrevem que os exércitos dos selêucidas durante o cerco as cidades de Betsur e Betúlia usaram infantarias equipadas com armas leves, típicas de guerra nas montanhas e em cercos de cidades, como os estilingues (fundas)²⁶. Em Judite, as forças judaicas defendiam a cidade montanhosa de Betúlia com fundas²⁷. Não acreditamos que sejam uma mera coincidência as descrições do uso, por parte dos respectivos exércitos, de infantarias de fundibulários. É importante notar que no capítulo 9 de Judite, que é a principal parte teológica do texto, a heroína Judite faz uma oração, pedindo a intervenção de YHWH. Nessa oração ela descreve que o exército fictício assírio e as suas tropas (historicamente o exército Selêucida) “gloriam-se de seus cavalos e de seus cavaleiros, orgulham-se dos braços da infantaria. Confiam no escudo e na lança, no arco e na funda”²⁸.

De algum modo, o uso das fundas pelo exército Selêucida traumatizou e chamou a atenção do autor de Judite. Podemos especular esse fato, pois os gregos usavam, nas suas fundas, balas de pedras polidas de chumbo com mensagem jocosas e símbolos dos deuses gregos que tinham assim um certo efeito psicológico sobre os seus adversários. Baruch Yuzefovsky²⁹, em uma descrição de levantamento arqueológico na escavação na antiga cidade de Jerusalém, reporta que foram descobertas no complexo de Qishle, antiga prisão de Jerusalém do século XIX localizada na entrada do portão de Jafa, fragmentos de pedras de estilingues decoradas que são datadas da época dos Hasmoneus, por volta de 133- 132 A.E.C., durante o reinado do rei Selêucida Antíoco VII³⁰.

Enquanto o texto de 1 Macabeus defende a atuação de Judas e as suas tropas por meio de uma tática de abandono momentâneo do Templo de Jerusalém, que pode ser caracterizado como uma tática de guerrilha como acontece nos capítulos 6 e 7, o texto de Judite parece estar terminantemente

²⁶ **1 Macabeus 6: 51; Judite 6: 12, 9: 7.**

²⁷ **Judite 6: 12.**

²⁸ **Judite 9: 7.**

²⁹ YUZEFOVSKY, Baruch. Lead Sling Bullets. In: RE'EM, Amit. **The qishle excavation in the old city of Jerusalem.** Israel Antiquities Authority; Israel Exploration Society, 2018. p. 199-200.

³⁰ O Portão de Jafa é uma das principais entradas da antiga cidade murada de Jerusalém. Ele é um dos oito principais portões das muralhas que cercam a cidade velha de Jerusalém.



contra essa tática de abandono³¹. Mas, mesmo sendo contra a tática adotada por 1 Macabeus, a intenção do autor de Judite não era fazer uma crítica, mas superar historicamente e religiosamente os eventos que estão relacionados com a profanação do Templo e a morte dos sábios judeus *assideus* que acreditaram nas falsas palavras de paz dos Selêucidas e dos judeus helenizados. Afinal de contas, a intenção do autor de Judite, como afirma Wills³², consiste em “criar um modelo piedoso de narrativa, por meio de uma protagonista, e não uma direta reflexão de uma situação histórica e política”.

Assim, para concluir essa parte, defendemos que o texto de Judite pode ser datado por volta de 100 A.E.C. Data que é posterior a rededicação do Templo por Judas Macabeu (164 a.C.) e a composição dos livros de 1 e 2 Maccabeus³³. Esses dois livros influenciaram e muito a descrição do ambiente fictício-histórico que o autor de Judite fez do cerco de Betúlia, cidade não identificada judaica, pelas tropas do imperador fictício assírio Nabucodonosor e as ações da heroína Judite. Judite pode ser descrita como uma versão melhorada de Judas Macabeu³⁴.

Trauma e perlaboração em Judite e a defesa de Jerusalém

Acreditamos que grande parte da narrativa teológica de Judite esteja relacionada com a defesa e inviolabilidade de Jerusalém³⁵. Essa defesa se faz presente no texto de Judite por meio da taxonomia do sagrado/profano e puro/impuro. Assim, parte da narrativa teológica de Judite e os seus feitos como heroína vingadora seria uma resposta à invasão de Jerusalém e profanação do Templo e morte dos sábios judeus *assideus* que são narradas no livro de 1 Macabeus 7: 8-18. Diferentemente do autor do livro de Judite, o autor de 1 Macabeus coloca a culpa pela profanação do Templo e morte dos sábios judeus em Báquides, um dos governadores do rei selêucida Demétrio I e no

³¹ Não à toa que a cidade de Betúlia pode ser traduzida, entre outras possíveis traduções, para o hebraico *betulah*, virgem. O texto de Judite é uma tradução grega de um texto hebraico que não chegou até nós. Para maiores detalhes veja WILLS, Lawrence M. **Judith**. Minneapolis (USA): Fortress Press, 2019. p. 17-23; 232-233.

³² WILLS, Lawrence M. **Judith**. Minneapolis (USA): Fortress Press, 2019. p. 16, nota 53.

³³ GERA, Deborah Levine. **Judith**. Berlin & Boston: De Gruyter, 2014, p. 40-42.

³⁴ WILLS, Lawrence M. **Judith**. Minneapolis (USA): Fortress Press, 2019. p. 39-40.

³⁵ Na tradição da Bíblia Hebraica a inviolabilidade de Jerusalém nos remete a benção, promessa de obediência do povo de Israel para com YHWH, em defesa da inviolabilidade da cidade de Jerusalém. Cf. **Deuteronômio 28: 3-4**. Caso contrário ela será invadida e destruída **Dt 28: 16**.



sumo-sacerdote judeu Alcimo, que ocupou o cargo entre 162 A.E.C. e 159 A.E.C. Alcimo pertencia ao partido judaico-helenista que era contra Judas Macabeu e os seus seguidores. Conforme vemos no texto de 1 Maccabeus, realmente houve uma violação do espaço sagrado do Templo:

Dando-lhe eles crédito, Alcimo prendeu sessenta dentre eles e os trucidou num só dia, conforme a palavra que está escrita. ‘As carnes de teus santos e o seu sangue eles o derramaram ao redor de Jerusalém e não havia quem os sepultasse.’ Então o temor deles e o terror apoderou-se de todo o povo. E diziam: “Não há entre eles nem verdade nem justiça, pois violaram o acordo bem como o juramento que fizeram³⁶.

O autor de 1 Maccabeus fez pouco caso deste episódio, pois, provavelmente, Judas Macabeu e os seus seguidores abandonaram a defesa do Templo e de Jerusalém. Eles desconfiavam das palavras de reconciliação de Alcimo e dos Selêucidas e fugiram para o interior³⁷. Adotaram, assim, uma tática de guerrilha que minou as forças selêucidas aos poucos até a vitória na batalha de Adasa, na qual destruíram, momentaneamente, as forças Selêucidas lideradas pelo general Selêucida Nicanor³⁸.

O autor de Judite era terminantemente contra esse tipo de tática de abandono momentâneo, pois a sua narrativa é mais religiosa e não propriamente histórica, diferentemente do autor de 1 Maccabeus, que é um texto histórico, somente com algumas partes teológicas, que serviu de propaganda à dinastia dos Hasmoneus.

Temos, assim, em Judite uma perspectiva teológica sobre a inviolabilidade do Templo e de Jerusalém. A defesa do Templo e da cidade de Jerusalém é um tema capital para Judite. A partir de agora, veremos como podemos articular o conceito de trauma e perlaboração com a questão teológica e polemológica no texto de Judite.

A perlaboração é um processo muito comum na psicanálise que lida com traumas que, segundo LaCapra, pode ser adaptado para a história dentro de uma perspectiva social e coletiva:

Perlaborar envolve o trabalho no *self* nos processos sociais, mas não deve ser tomado em sentido estrito e excluir ou se desviar do papel do jogo, do humor e do riso...Ainda assim, envolve

³⁶ 1 Maccabeus 7: 16-18.

³⁷ 1 Maccabeus 7: 10-11.

³⁸ 1 Maccabeus 7-8.



uma resposta crítica à transferência, possibilitando lembrar da melhor maneira possível ao *ativar forças compensatórias* a uma identificação não mediada...Envolve ainda uma abordagem crítica do que chamo de traumatopismos que descuidadamente transfiguram o trauma no sagrado ou no sublime³⁹.

Acreditamos que no livro de Judite podemos identificar uma perlaboração em relação aos eventos narrados no livro 6 e 7 de 1 Macabeus. Como disse LaCapra⁴⁰, a perlaboração é comum em literaturas de cunho religioso que envolvem a questão do sagrado. Existem estudos que já aplicam os conceitos modernos de trauma e perlaboração em relação à literatura judaica antiga⁴¹. Em Judite, o trauma como vimos está relacionado com profanação do templo de Jerusalém pelos Selêucidas e a morte dos sábios judeus pelo sumo-sacerdote Alcino, conforme é narrado em 1 Macabeus. Os capítulos de Judite, que fornecem uma possível resposta perlaborativa e teológica aos eventos narrados em 1 Macabeus 6 e 7 são Judite 4, 7, 8 e 9. O capítulo 4 de Judite começa dizendo que o general do rei fictício Assírio Nabucodonosor, Holofernes, durante a sua viagem de destruição e punição destruiu todas as cidades e os Templos dos pagãos que ficavam no seu caminho⁴². Os israelitas, então, ficaram aterrorizados com a presença dele e “temeram por Jerusalém e pelo Templo do Senhor seu Deus”⁴³. Esse medo está ligado ao fato que eles haviam voltado do Cativo da Babilônia e, também, porque o Templo e os seus utensílios sagrados foram purificados de uma profanação recente que aconteceu no Templo de Jerusalém⁴⁴.

Nas passagens acima, provavelmente, o autor de Judite fez uma referência ao grande arco da história de Judá, que está relacionado com os eventos que descrevem a reconstrução do Templo de Jerusalém na volta do Cativo da Babilônia em 538 A.C. e depois a sua rededicação, por causa da sua profanação por Antíoco IV Epifânio em 164 A.E.C.⁴⁵.

³⁹ LACAPRA, Dominick. **Compreender os outros**: povos, animais, passados. São Paulo: Autêntica, 2023. p. 100-101.

⁴⁰ LACAPRA, Dominick. **Compreender os outros**: povos, animais, passados. São Paulo: Autêntica, 2023. p. 80.

⁴¹ Veja o livro de HOUCK-LOOMIS, Tiffany. **History through Trauma**: History and Counter-History in the Hebrew Bible. Eugene, Oregon (U.S.A.): Pickwick Publications, 2018.

⁴² **Judite 4: 1.**

⁴³ **Judite 4: 2.**

⁴⁴ **Judite 4: 3.**

⁴⁵ A profanação do Templo de Jerusalém na época dos Macabeus é narrada em **1 Mac. 1: 41-60**, **2 Mac. 5: 15-16**, **6; 1-5** e a sua rededicação é descrita em **1 Mac. 4: 36-61** e **2 Mac. 10: 1-8**.



Então, o texto de Judite nos alerta sobre o temor, sempre presente, que existe em relação a uma nova profanação e poluição do espaço sagrado do Templo de Jerusalém. E isso realmente aconteceu depois de 164 A. C., conforme vimos em 1 Macabeus 7. A profanação do Templo de Jerusalém com a morte dos sábios judeus não teve o mesmo impacto da narrativa de 1 Macabeus 4. 1 Macabeus 4 narra o evento histórico traumático que consistiu na interrupção do culto à YHWH, pois os Selêucidas introduziram, momentaneamente, o culto à Zeus no Templo de Jerusalém⁴⁶. De qualquer modo, em 1 Macabeus 7: 10-17, mesmo não havendo uma interrupção do culto à YHWH no Templo de Jerusalém, temos uma profanação e poluição do Templo com a morte dos *Assideus*. O trauma assim está estabelecido, o que acaba criando “desorientações históricas e teológicas que precisam ser abordadas e enfrentadas”⁴⁷.

Desse modo, a narrativa de Judite pode ser considerada uma narrativa teológica que quer proteger, de todas as formas possíveis, a santidade do espaço sagrado do Templo de Jerusalém⁴⁸. Outra profanação seria para um autor de Judite um desastre e poderia provocar outro cativo além de desequilibrar a relação entre sagrado/profano e puro/impuro.

A perlaboração de Judite, então, consiste em superar o trauma narrado em 1 Macabeus 6: 62-63; 7: 10-17. Para superar essa decepção o autor de Judite não somente criou uma situação histórica semelhante àquela que aconteceu em 1 Macabeus 7: 10-17, mas construiu, também, uma narrativa que indicava como deveria ser o comportamento dos judeus em uma situação semelhante no futuro. Criando, assim, nas palavras de LaCapra⁴⁹: “uma tentativa renovar o problema de relacionar teoria e prática sociopolítica e tornar possíveis outras opções, especialmente, as não vitimizadoras e outras que não sejam “traumacentradas e traumatrópicas.”

Assim, em Judite 4: 4-8, os Israelitas adotam providências que não foram tomadas historicamente pelos judeus para defender o Templo, conforme é narrado no texto de 1 Macabeus. Essas medidas poderiam ser adotadas na

⁴⁶ **1 Macabeus 4: 36-61.**

⁴⁷ LACAPRA, Dominick. **Compreender os outros: povos, animais, passados.** São Paulo: Autêntica, 2023. p. 74.

⁴⁸ WILLS, Lawrence M. **Judith.** Minneapolis (USA): Fortress Press, 2019, p. 205 e OTZEN, Benedikt. **Tobit and Judith.** London & New York: Sheffield Academic Press, 2002. p. 94-97.

⁴⁹ LACAPRA, Dominick. **Compreender os outros: povos, animais, passados.** São Paulo: Autêntica, 2023. p. 101.



prática. Daí se origina o fato de que talvez, na minha opinião, o autor de Judite tenha criado, conscientemente, uma narrativa histórica fictícia que é classificada como novela histórica. A reflexão sobre o passado recente se posiciona para o futuro na tentativa de superação desse passado. Mas para superar o passado traumático se faz necessário que ele seja lembrado e reescrito. O passado traumático não pode ser esquecido ou ignorado.

Em Judite, os judeus, por toda a Judéia, tomam medidas efetivas que dificultam o sucesso da campanha dos Assírios contra os judeus. O sumo-sacerdote Joaquim e os judeus em Jerusalém mandam, antecipadamente, mensageiros para todas as cidades fronteiriças antes da chegada dos Assírios⁵⁰. E, para os habitantes da cidade não identificada de Betúlia, Joaquim manda uma carta falando que eles deveriam ocupar as passagens de montanha que era o principal acesso à Jerusalém, pois o acesso era estreito e permitia a passagem de somente duas pessoas por vez⁵¹. Uma grande diferença para a narrativa de 1 Macabeus é que os judeus, em Judite, atuam em união sob a liderança do sumo sacerdote Joaquim, enquanto no texto de 1 Macabeus existe uma grande divisão (guerra civil) entre os partidários dos Macabeus e os Judeus Helenistas. Para evocar a ajuda de Deus os judeus, cumprem em Judite, rigorosamente os rituais necessários, culturais, para invocar a proteção de YHWH para com o Templo e se mantem unidos⁵².

Nos livros 7 e 8 de Judite existem também alusões aos traumas provocados pela profanação do Templo que é narrado nos livros de 1 Macabeus 6: 48-63 e 7: 10-17 respectivamente. Em 1 Macabeus 6: 48-63 é narrado a quebra de um acordo que o rei Antíoco V fez com os sitiados de Jerusalém e que resultou na destruição das muralhas internas de proteção do Templo de Jerusalém, tudo isso depois de sua rededicação pelos Selêucidas⁵³. Já em 1 Macabeus 7: 10-17 temos a descrição, já citada, da morte dentro do Templo dos sábios *assideus*. Aqui é importante notar que enquanto a narrativa de Judite se passa em relação ao cerco da cidade de Betúlia, a narrativa histórica de 1 Macabeus se passa em relação aos cercos de Jerusalém. Mas isso não é um

⁵⁰ **Judite 4: 4-14.**

⁵¹ **Judite 4: 4-8.**

⁵² **Judite 4: 13-15.**

⁵³ **1 Mac. 6: 62-63.**



problema, pois a cidade não identificada de Betúlia, que pode ser traduzida como “casa de Deus”, é um arquétipo da cidade de Jerusalém⁵⁴.

No livro 7 de Judite temos a narrativa do assédio de Betúlia por parte das tropas *Assírias* de Holofernes. Elas fizeram um cerco em Betúlia para deixar os seus habitantes sem acesso aos mananciais de água que estavam localizados no pé do monte da cidade. Por causa dessa medida os sábios e líderes judeus da cidade estavam pensando em permitir a entrada das tropas de Holofernes em Jerusalém, depois de cinco dias, caso as cisternas da cidade ficassem totalmente secas⁵⁵. A referência que o autor de Judite faz a uma possível rendição e permissão de entrada das tropas *assírias* na cidade de Jerusalém, que entendemos como um acordo de paz momentâneo, pode ser uma referência a um acordo semelhante feito entre os Judeus da cidade de Jerusalém e as tropas Selêucidas conforme é narrado em 1 Macabeus 6: 60-63 e 1 Macabeus 7: 25-32. Mais ainda, no capítulo 8 de Judite, que marca a entrada de Judite na história como a protagonista em defesa de Jerusalém e do Templo, existe uma recriminação sua pela decisão tomada pelos sábios e o povo de Betúlia. Ao escutar “as palavras inconsideradas do povo, desalentado por falta de água”⁵⁶, Judite fez um discurso forte condenando teologicamente a proposta feita pelos sábios e líderes de Betúlia⁵⁷. Esse discurso, que é um dos mais importantes em termos teológicos em *Judite*, faz menção ao fato de que os judeus e líderes de Betúlia não podem condicionar ou prever a ajuda de YHWH ao prazo de cinco dias. Segundo Judite, a ajuda divina virá, pois nas atuais gerações de Judeus não existe pecado, isto é, os judeus não adoram os deuses pagãos. Deus está testando os judeus como na época dos patriarcas⁵⁸. Se, ao contrário, os judeus fizerem um acordo com as tropas de Holofernes e permitirem que elas entrem no Templo o castigo virá. A entrada do inimigo no espaço sagrado do Templo é considerada um ato de profanação do Templo para o autor de Judite. Os judeus não devem confiar nos persas, pois se eles foram capturados o Templo de Jerusalém será saqueado e profanado⁵⁹.

⁵⁴ OTZEN, Benedikt. **Tobit and Judith**. London & New York: Sheffield Academic Press, 2002. p. 94.

⁵⁵ **Judite 7: 25-32.**

⁵⁶ **Judite 8: 9.**

⁵⁷ **Judite 8: 11-34.**

⁵⁸ **Judite 8:25-27.**

⁵⁹ **Judite 8: 21-24.**



Em Judite 8: 21-24 vemos o conceito de sagrado/profano e puro/impuro associado à defesa e inviolabilidade do Templo. Temos aqui, como disse Francis Schmidt, uma referência dos conceitos de sagrado/profano e puro/impuro controlando e regulando a circulação do espaço sagrado do Templo⁶⁰. O mesmo critério de sagrado e profano que é aplicado na Torah (Levítico 10: 10) também se aplica aqui em Judite na defesa do santuário de Jerusalém. É por isso que o autor de Judite leva tão a sério os aspectos ascéticos e rituais que são realizados no Templo. Judite, assim, como uma heroína piedosa, age em conformidade com os rituais ascéticos que definem o sagrado/profano e puro/impuro conforme são explicados no livro de Levítico. Ao reescrever a história, o livro de Judite quer inspirar um padrão de comportamento religioso e militar em relação à defesa do Templo, que não é seguido no livro de 1 Macabeus.

Para concluir essa sessão, podemos falar que o texto de Judite faz uma perlaboração religiosa e polemológica dos eventos traumáticos do passado recente, que são narrados em 1 Macabeus, na tentativa de superar o trauma provocado pela morte dos *assideus* dentro do Templo de Jerusalém. Essa perlaboração religiosa e polemológica serviria assim de inspiração memorial para os eventos futuros que envolvessem semelhantes ameaças ao Templo.

As múltiplas relações e tensões entre o globalismo e glocalismo em Judite

Como afirma Otzen⁶¹, a principal mensagem do livro de Judite é teológica e segue a teologia bíblica do Antigo Testamento: “O Deus de Israel é o único Deus, e Ele irá demonstrar a sua posição salvando o seu povo escolhido dos impérios dos gentios”.

A partir dessa premissa podemos classificar a narrativa de Judite como um texto de salvação, mas não necessariamente uma epifania. No entanto, a salvação não passa somente pela mão de Deus, mas pela ação (agência) da heroína Judite. E mais ainda, o que intriga os estudiosos de Judite é o fato de que esse livro é mais longo que as outras novelas Judaicas-Helenísticas de Ester e Tobias⁶². Judite tem dezesseis capítulos que podem ser divididos em duas

⁶⁰ SCHMIDT, Francis. **O pensamento do templo**. De Jerusalém a Qumran. São Paulo: Edições Loyola, 1998. p.78.

⁶¹ OTZEN, Benedikt. **Tobit and Judith**. London & New York: Sheffield Academic Press, 2002. p. 98.

⁶² Ester e Tobias têm respectivamente 9 e 14 capítulos. Em ambos temos micronarrativas, isto é, Histórias de Corte.



metades (Livros 1-7; 8-16)⁶³. Por causa dessa divisão de duas metades, na qual a heroína Judite só aparece na segunda metade, Otzen diz que

o estilo do livro de *Judite* varia de uma narrativa mais seca e tediosa dos primeiros capítulos que estão relacionados com as medidas militares tomadas pelos *Assírios*, para um tom mais emocional na descrição do iminente desastre que os israelitas tiveram que encarar, onde se observa um estilo sofisticado que alterna questões teológicas e filosóficas...⁶⁴

Wills⁶⁵, no entanto, discorda dessas observações, pois na sua opinião o texto de Judite segue uma concepção artística na qual o atraso do aparecimento da heroína Judite cria um clímax, e esse atraso é deliberado. Tanto Wills⁶⁶, como Gera⁶⁷, mostraram que a primeira metade de Judite discute, não somente, a campanha militar dos *Assírios*. Temos também uma reunião do conselho de guerra das tropas Assírias. Nessa reunião se destaca o discurso direto do Amonita Aquior (Judite 5), um dos generais das diversas nações que apoiam Holofernes. Perante Holofernes, Aquior explica como o Deus dos judeus os ajudam em momentos críticos, resumindo a teologia do Deuteronômio e a história teológica do povo de Israel Bíblico. Aquior diz que os Israelitas são protegidos por Deus quando não pecam: “Enquanto não pecaram contra o seu Deus, a prosperidade estava com eles, porque o seu Deus odeia a iniquidade”⁶⁸. E, assim, Aquior aconselha Holofernes e as suas tropas a terem cuidado⁶⁹.

O discurso de Aquior, o Amonita (tradicional adversário bíblico dos judeus na Palestina) é uma resposta à pergunta feita por Holofernes sobre quem são os Israelitas, e quais são militarmente os seus pontos fracos e fortes. Essa pergunta, feita por Holofernes, apresenta semelhanças com as perguntas que a rainha persa Atossa fez sobre os gregos na peça de Ésquilo – Os Persas dentro do contexto das Guerras Médicas⁷⁰. Além de apresentar semelhanças com a diálogo feito pelo rei persa Xerxes com Demáratos, antigo rei de Esparta,

⁶³ WILLS, Lawrence M. **Judith**. Minneapolis (USA): Fortress Press, 2019. p. 24.

⁶⁴ OTZEN, Benedikt. **Tobit and Judith**. London & New York: Sheffield Academic Press, 2002. p. 126. Segue a passagem original em inglês: “The *style* of the book of Judith varies from the somewhat dry style of the first chapters relating the military measures taken by the Assyrians, over the more emotional style in the descriptions of the despair of the israelites facing disaster, to the sophisticated style of Judith section of the book alternating between her clever discussion of theological matters...”

⁶⁵ WILLS, Lawrence M. **Judith**. Minneapolis (USA): Fortress Press, 2019. p. 24.

⁶⁶ WILLS, Lawrence M. **Judith**. Minneapolis (USA): Fortress Press, 2019.

⁶⁷ GERA, Deborah Levine. **Judith**. Berlin & Boston: De Gruyter, 2014.

⁶⁸ **Judite 5: 17.**

⁶⁹ **Judite 5: 20-21.**

⁷⁰ WILLS, Lawrence M. **Judith**. Minneapolis (USA): Fortress Press, 2019. p. 44.



exilado, que acompanhava as forças de Xerxes na batalha de Termópilas⁷¹. Nesse diálogo, Demáratos afirma que os espartanos são fiéis as suas leis e tradições e por causa delas eles são bons guerreiros. Eles, os gregos, assim, como os judeus, não aceitarão a escravidão, ou seja, a rendição⁷². O discurso de Aquior, como o de Demáratos, podem ser classificados como os discursos dos trágicos conselheiros, muito comum nas *Histórias* de Heródoto⁷³.

Assim, observamos que temos em Judite uma macro narrativa nos capítulos 1-7 e uma micronarrativa nos capítulos 8-16. Na micronarrativa de Judite os temas da tradição bíblica estão mais destacados, como as orações de Judite e a sua mensagem teológica. Mas, como vimos acima, existem algumas correspondências entre as duas metades do texto de Judite que apontam para uma influência da cultura grega ao longo de todo o texto de Judite. Desse modo, podemos dizer que o texto de Judite apresenta características de uma história-fictícia que foram inspiradas pela visão grega da época clássica do mundo conhecido (*oikoumene*) desenvolvida por Heródoto e que depois se tornam populares e difundidas na Época Helenística, como observa Wills⁷⁴. Assim, tanto em Judite, como nas *Histórias* de Heródoto temos uma dicotomia entre dominador e dominado. E por causa da arrogância dos reis dos impérios orientais, que menosprezaram os seus inimigos periféricos, eles acabaram sendo derrotados. Além disso, temos uma preocupação na narrativa de Judite com o destino e os feitos heroicos da sua protagonista.

A questão polemológica e teológica em Judite é resolvida na segunda metade do texto de Judite. Nas grandes narrativas da história, como nas *Histórias* de Heródoto e na *Ciropedia* de Xenofonte, existem ambos os tipos de narrativas, tanto reuniões de guerra e histórias de corte (micronarrativas), como narrativas mais amplas de guerras com viagens e descrições pormenorizadas das campanhas militares (macro narrativas). É possível, assim que o texto de Judite tenha, em partes, inspirado-se na narrativa de Heródoto e não somente nas narrativas da tradição bíblica que não apresentam um jogo de escalas (micronarrativas e macro narrativas) tão detalhado como na literatura grega antiga. Além disso, os frequentes discursos dos protagonistas do livro de Judite

⁷¹Heródoto, *Histórias* 7: 101-104.

⁷² Heródoto, *Histórias* 7: 102.

⁷³ WILLS, Lawrence M. *Judith*. Minneapolis (USA): Fortress Press, 2019. p. 45.

⁷⁴ WILLS, Lawrence M. *Judith*. Minneapolis (USA): Fortress Press, 2019. p. 5-7; 14-15.



se destacam. Longos e detalhados discursos inseridos nas narrativas não são comuns na literatura bíblica. Percebemos, também, no texto de Judite, discussões filosóficas e dilemas morais de origem grega que não são comuns na literatura bíblica.

Existe, sim, um universalismo teológico na tradição bíblica que envolve os impérios dos gentios que desafiam YHWH e os israelitas, como podemos observar em Isaías e 2 Reis, entre outros textos da Bíblia Hebraica. No entanto, não vemos nesses textos uma grande preocupação sobre a agência de seus protagonistas, pois o que predomina nos textos bíblicos é a ação divina direta sobre a História, isto é, o conceito de história revelada, na qual um profeta ou um visionário, inspirado por YHWH, revela o futuro da história para os grandes líderes gentios ou para os judeus. A questão geográfica em Judite, mesmo sendo fictícia sobre certos aspectos, apresenta uma detalhada visão histórica do mundo conhecido que se submeteu aos *Assírios*, que não é muito comum na tradição bíblica⁷⁵.

Assim, podemos falar em uma narrativa global helenística em Judite, pois existe um jogo de escalas. O império Assírio e os seus líderes descritos em Judite se assemelham com a descrição do império Assírio que liderado por Senaqueribe fez uma incursão e cercou sem sucesso Jerusalém⁷⁶, com a época posterior dos Neobabilônicos e dos Persas, até chegarmos ao passado mais recente Helenístico com Antíoco IV Epifânio, Antíoco V e Demétrio I Sóter. A narrativa de Judite compartilha referências textuais diretas e indiretas a todas essas épocas.

E mais ainda, a história ao cerco de Jerusalém, em Judite, na sua primeira metade, traz semelhanças com a resistência que os trezentos espartanos ofereceram aos Persas na batalha de Termópilas e a certos episódios narrados por Heródoto nas suas Histórias. Judite, na segunda metade do livro de Judite não se comporta somente como uma personagem inspirada na tradição dos heróis bíblicos conforme mostra a maioria dos comentadores, mas também como as heroínas-guerreiras das histórias de corte orientais narradas pelos autores gregos como Heródoto, Xenofonte e Ctésias de Cnido⁷⁷.

⁷⁵ **Judite 1-17.**

⁷⁶ **Isaías 10: 10-12; 2 Reis 18: 19-25.**

⁷⁷Para maiores detalhes veja os textos de WILLS, Lawrence M. **Judith**. Minneapolis (USA): Fortress Press, 2019 e GERA, Deborah Levine. **Judith**. Berlin & Boston: De Gruyter, 2014.



Não temos espaço para narrar em detalhes esses paralelos textuais, mas podemos afirmar que esses paralelos textuais não foram feitos por acaso. Existe uma preocupação, por parte do autor de Judite, em transformar Judite em uma heroína judia que também pode ser interpretada como uma heroína guerreira globalizada do Oriente Próximo Helenístico (Séculos III-II A.E.C.).

Na época Helenística, assim como no livro de Judite, o passado dessas histórias das cortes persas orientais, conforme elas são narradas pelos autores gregos, são recuperadas pelos judeus, porque eles tinham a intenção de construir uma nova identidade.

Essa nova identidade construída em Judite pode ser percebida, também pelo uso que o(a) autor(a) de Judite fez da linguagem e história dos colonizadores, no caso aqui a grega. E que, de acordo com Wills⁷⁸, é uma marca de um colonialismo universal. Esse termo foi cunhado pelas novas teorias da decolonização que refletem o que aconteceu no mundo no século XIX, quando as potências europeias colonizaram grande parte do globo. O glocalismo nada mais é do que uma reação ao globalismo de uma cultura colonizadora pelas elites nativas, que utilizam a cultura dos colonizadores para expressar as suas identidade e história, combinando a tradição ancestral com a cultura do colonizador. Mas, como disse Vlassoupoulos⁷⁹, o glocalismo estabelece uma relação paradoxal entre centro e periferia, porque além dos limites culturais e históricos dessa interação entre o centro e a periferia, a periferia também poderia influenciar a cultura do centro.

No livro de Judite, a tensão entre a questão global e local está no fato de que as referências às tradições gregas não são referências diretas, como as referências da tradição bíblica. As referências às tradições gregas de resistência aos impérios colonizadores aparecem na maioria dos casos de uma forma indireta. Judite, também, comporta-se como uma heroína judaica que mesmo em território estrangeiro (*i.e.* tenda de Holofernes) não se esquece de seguir os rituais de pureza e a alimentação *kosher*, baseada em regras alimentares regidas pela lei judaica.

Ambos os acadêmicos dedicaram uma grande atenção ao uso de fontes gregas antigas do Oriente Próximo por parte do autor de Judite.

⁷⁸ WILLS, Lawrence M. **Judith**. Minneapolis (USA): Fortress Press, 2019. p. 5.

⁷⁹ VLASSOPOULOS, Kostas. **Greeks and Barbarians**. Cambridge (U. K.): Cambridge University Press, 2013. p. 24-25.



Assim, podemos dizer que os judeus de Judite se comportam como os gregos (espartanos e atenienses) que resistiram ao avanço do Império Persa nas Guerra Médicas, antes do aparecimento dos reis e imperadores helenísticos. Esse comportamento dos judeus em Judite é percebido por Berthelot, que diz:

Em Judite, a independência da Judéia está em perigo, e o uso de Heródoto claramente (e de alguma maneira irônica) mostra que os reis selêucidas (disfarçados de Assírios e Babilônicos) não são os verdadeiros herdeiros dos seus antepassados gregos, mas antes herdeiros dos Persas, os arquirrivais dos gregos. Em comparação, os Judeus são os verdadeiros gregos, que quando ameaçados por um grande exército, são capazes (na pessoa de Judite) de praticar grandes sacrifícios e atos heroicos. O uso de Heródoto por parte de Judite é assim não necessariamente um exemplo de abertura a “uma sabedoria estrangeira” mas um caso de um corajoso e irônico uso das referências culturais do inimigo para mostrar a sua própria superioridade, mesmo que seja pelas referências culturais do inimigo⁸⁰.

Na citação acima, muito importante para os nossos propósitos, vemos a tensão que existe entre a cultura global grega e o judaísmo na Época Helenística. Mas aqui não destacamos o lado irônico nem o lado de entretenimento que são comuns nas novelas antigas gregas, mas sim a superação de um trauma histórico por meio da criação de uma história fictícia global que tinha a intenção de servir de modelo memorial tanto para os judeus da Palestina, como da Diáspora, pois Judite é uma heroína que segue tanto as tradições judaicas, como também se comporta como uma líder cosmopolita (grega ou bárbara), que é capaz de fazer discursos filosóficos e frequentar, com desenvoltura, as cortes e os acampamentos dos imperadores do Oriente Próximo Antigo. Comportamento esse comum nos textos das tradições gregas sobre os gregos e bárbaros que desafiaram os grandes impérios. Nos textos judaicos da Diáspora da Época Helenísticas vemos também um comportamento crítico parecido em relação aos impérios universais.

Um exemplo do lado cosmopolita e filosófico de Judite, na segunda metade do livro de Judite, acontece quando um dos líderes judeus de Betúlia Ozias diz, após o discurso que ela fez aos habitantes de Betúlia, que Judite é

⁸⁰ BERTHELOT, Katell. Hellenization and Jewish Identity in the Deutero-canonical Literature: A Response to Ben Wright. In: XERAVITS, Géza G.; ZSENGELLÉR, József; SZABÓ, Xáver (eds.). **Cannocity, Setting, Wisdow in the Deuterocanonicals**: papers of the Jubilee Meeting of the international conference on the Deuterocanonical Books. Berlin: de Gruyter, 2014. p. 75.



uma mulher sábia⁸¹. Wills⁸² destaca que o discurso que Judite fez para os habitantes de Betúlia apresenta muitas características da filosofia grega, que são comuns nos discursos da literatura grega sobre eventos históricos decisivos. Entre essas virtudes podemos citar a *enkrateia*, que é a virtude de autocontrole, isto é, o sábio não se perturba com as circunstâncias externas adversas, que está em oposição ao comportamento dos tiranos raivosos e vingativos, que não tem autocontrole (*akrateia*). Ela também apresenta a *parrhêsia*, discurso franco e verdadeiro quando ela está falando com os líderes de Betúlia. Na sua oração para que Deus lhe dê forças para matar Holofernes, Judite divide o tempo da história em passado, presente e futuro. Concepção de tempo profética comum nas tradições da Bíblia Hebraica e da Grécia antiga: “Tu é que fizeste o passado, o que acontece agora e o que acontecerá depois. O presente e o futuro foram concebidos por ti e o que tinhas em mente aconteceu”⁸³.

Judite, então, estaria interpretando a história divina no capítulo 9 pensando não somente a partir da memória da tradição bíblica de Israel, mas também pensando a partir de um acontecimento do passado recente (presente), o trauma da profanação do Templo, tanto por causa dos atos de Antíoco IV Epifânio em 164 A.E.C. no Templo de Jerusalém, como, posteriormente, pela morte dos sábios *assideus* no Templo de Jerusalém em 162 A.E.C. A referência ao tempo presente em Judite, que se situa na Época Helenística, pode ser comprovada pelo fato de que a oração de Judite no capítulo 9 menciona as fundas que foram usadas pelos exércitos selêucidas na época de Judite, durante os cercos de Jerusalém pelas tropas Selêucidas⁸⁴. Como vimos anteriormente as infantarias de fundibulários também são mencionadas no texto de 1 Macabeus⁸⁵, que é contemporâneo ao texto de Judite. É importante notar que no texto de 2 Reis 18: 21- 34, que serviu de inspiração, em partes, para a oração do capítulo 9 de Judite, na sua estrutura e mensagem teológica, na qual ambos os textos funcionam como um oráculo de YHWH contra os assírios, não temos menção às infantarias de fundibulários ou as fundas.

⁸¹ **Judite 8: 25.** Na tradição grega veja o texto da *Ilíada* livro 1, versos 69-70: “Tendo isso dito, assentou-se. Levanta-te, então, do seu posto, logo, Calcante, nascido de Téstor, de sonhos intérprete, que conhecia o passado, bem como o presente e o futuro... O texto da *Ilíada* aqui consultado foi o de Carlos Alberto Nunes. NUNES, Carlos Aberto. *Ilíada* (Em Verso). Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

⁸² WILLS, Lawrence M. **Judith**. Minneapolis (USA): Fortress Press, 2019. p. 270-273.

⁸³ **Judite 9: 5-6.**

⁸⁴ **Judite 9: 7.**

⁸⁵ **1 Macabeus 6: 51.**



Mais ainda, como vimos nas outras seções deste texto, Judite se comporta como uma líder e heroína que oferece um modelo de comportamento teológico e militar que dever ser seguido para superar o trauma recente, servindo, assim, de modelo e inspiração para o futuro. Essa ênfase no tempo presente, no texto de Judite, significa que o comportamento da heroína Judite deveria ser emulado, um comportamento ideal, que deveria servir de modelo para todos os judeus. Para superar o trauma do passado recente, o(a) autor(a) de Judite queria colocar destaque, também, no tempo presente. O(A) autor(a) de Judite criou, assim, um modelo de comportamento e ação, por parte da heroína Judite, que apesar de ser tributário do passado da tradição bíblica, colocava ênfase, também, no tempo presente derivado da tradição grega⁸⁶.

Judite, então, pode estar fazendo uma menção no capítulo 9⁸⁷ ao tempo presente e oportuno dos gregos, conhecido como *kaíros*, pedindo que Deus lhe conceda o momento certo para matar Holofernes, o que eventualmente é confirmado no capítulo 13: 4-8⁸⁸:

Senhor Deus de toda força, neste momento, volta o teu olhar para a obra de minhas mãos, em favor da exaltação de Jerusalém. Agora é o **tempo oportuno (*kaíros*)** de reapoderares-te de tua herança e de realizares o meu plano, para ferires os inimigos que se levantaram contra nós.” Avançando então para o balaústre do leito, que estava próximo à cabeça de Holofernes, tirou o seu alfanje, em seguida aproximando-se do leito, pegou a cabeleira de sua cabeça e

⁸⁶ Veja RAMOS, José Augusto Martins. O espaço do tempo, segundo o judaísmo. **Cultura**, Lisboa, v. 23, p. 1-19, 2006. Ramos diz que, gramaticalmente, o Hebraico Bíblico não se divide entre passado e futuro, mas entre o modo de tempo acabado e inacabado. O acabado, claramente, se refere ao passado. Já o tempo no modo inacabado se divide em perspectivas de tempo menos claras que se repartem entre o presente e o futuro.

⁸⁷ **Judite 9: 5.**

⁸⁸ Para a tradução do grego *koíne* nesta sentença consultamos o texto grego do livro de Judite da Septuaginta: HANHART, R.; RAHLFS, A. (ed.). **Septuaginta**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006. E constatamos que realmente a palavra grega *kaíros* aparece seguindo a interpretação grega de oportunidade, de aproveitar o momento oportuno. O uso do tempo oportuno -*kaíros*- não é comum na Bíblia Hebraica, mas na Septuaginta (Texto Bíblico escrito em Grego) e no texto bíblico grego do Novo Testamento. Para maiores informações cf. REHFELD, Walter I. **Tempo e Religião: a experiência do homem bíblico**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988. p. 83. Conferir também o artigo de Arnaldo Momigliano que diz que não existem muitas diferenças entre as concepções de tempo do povo israelita antigo e os antigos gregos antigos, mas sim diferentes concepções da História. Para Momigliano, a historiografia grega trabalha a história como um processo de criação que está ligado, principalmente, com o presente. E, por causa disso, a tradição grega enfatiza uma preocupação com a memorialização e eternidade dos grandes eventos e feitos do presente. Enquanto a tradição israelita antiga tende a interpretar a continuidade da história como uma cadeia de memória ininterrupta que articula o passado com o presente e o futuro. Assim, essa continuidade entre passado, presente e futuro pode ser interpretada a partir de certos episódios históricos selecionados que mostram a ação de YHWH na história. Cf. MOMIGLIANO, Arnaldo. Time in Ancient Historiography. **History and Theory**, Connecticut, v. 6, Beiheft 6, p. 1-23, 1966.



disse: “Faze-me forte neste dia, Senhor Deus de Israel.” Golpeou por duas vezes o seu pescoço, com toda a sua força, e separou a sua cabeça⁸⁹.

Nessas importantes passagens temos uma referência direta à tradição judaica, pois no livro do Êxodo, que faz parte da Torah a mão de Deus e o seu braço estendido estão associados com a mão e o braço de Moisés, o principal líder dos judeus. Em Judite o tema mão de Deus/Judite ocorre, também em outras passagens teológicas importantes⁹⁰. Assim, as ações de Judite nos capítulos 7 -13, para Van Henten, se assemelham, com razão, com as ações de Moisés conforme são descritas no capítulo 17 do Êxodo entre outros textos bíblicos⁹¹.

Mas, por outro lado, a questão da realização do ato de vingança de Judite e o seu plano são fatos que não podem ser previstos por ninguém, além de Deus e da própria Judite. Na oração do capítulo 9, Judite antecipa para os seus leitores (audiência externa), mas não para os personagens da narrativa, o seu plano de matar Holofernes que se concretiza no capítulo 13. Mesmo que Deus tenha planejado tudo o que acontece na História⁹², o protagonismo de Judite não é diminuído, pois não existe uma intervenção direta de Deus na História. *Iahweh* parece estar atuando no livro de Judite como um *Deus ex machina*. A mão de Deus que corta a cabeça de Holofernes é também a mão de Judite. Transparece, assim, no texto de Judite uma dupla causação em relação à agência humana de Judite, comum nos textos gregos em relação ao divino. Ela consegue realizar o seu plano por causa das suas virtudes, estratégias e piedade. Por causa de suas qualidades em geral Deus lhe dá forças para realizar o seu plano para salvar o povo judeu.

Desse modo, podemos concluir que a narrativa do livro de Judite é construída, em partes, como as narrativas da tradição grega antiga que criam uma expectativa sobre o protagonismo de seus personagens nos momentos decisivos, a partir, também, de uma reflexão sobre o tempo presente, que eternizam na memória os feitos de seus heróis.

⁸⁹ As palavras em negrito foram destacadas pelo autor deste artigo.

⁹⁰ **Judite 8:33; 9: 2, 9, 10; 12: 4, 13: 14, 15; 14:6.**

⁹¹ VAN HENTEN, Jan Willem. Judith as Alternative Leader: A Rereading of Judith 7-13. In: BRENNER, Athayla (ed.). **Esther, Judith and Susanna: A Feminist Companion to the Bible**. Sheffield (U. K.): Sheffield Academic Press, 1995. p. 230-238.

⁹² **Judite 9: 9-10.**



Conclusão

Para concluir esse artigo podemos dizer que existe uma relação quase que direta entre os textos de 1 Macabeus e Judite, pois o livro de Judite construiu uma história pseudo-histórica que tinha o propósito de superar o trauma da profanação do templo narrado nos capítulos 6 e 7 de 1 Macabeus. Grande parte da teologia e da narrativa de Judite consiste em mostrar como os judeus poderiam se comportar, em relação ao cerco e à morte dos sábios *assideus*, dentro do templo de Jerusalém, de uma maneira diferente do que foi descrita em 1 Macabeus. Para superar esse trauma histórico e coletivo era necessário adotar um comportamento inspirado tanto na história da tradição judaica, que defendia a proteção da cidade e do templo de Jerusalém, como vemos em Isaías e 2 Reis durante o reinado de Ezequias que enfrentou o rei assírio Senaqueribe, como nos exemplos dos virtuosos gregos do passado clássico (atenienses e espartanos) que se sacrificaram para um bem comum, a defesa das suas cidades e tradições contra os reis persas Aquemênidas.

Como heroína Judite atuou como uma heroína transcultural, que apresenta características e virtudes das tradições judaica, grega e de outras culturas do Oriente Próximo Helenístico. O texto de Judite, assim, faz parte dos textos da literatura de resistência dos povos do Oriente Próximo que entraram em contato com a cultura grega clássica por causa das conquistas de Alexandre Magno sobre o Oriente Próximo. Destacamos, assim, a tensão que existe entre a relação de dominador e dominado encontrado no livro de Judite. Judite, como heroína e protagonista, mesmo absorvendo a cultura do dominador nunca renunciou às suas tradições ancestrais. Existe, assim, certos limites entre a interação do centro com a periferia. O texto de Judite, portanto, não pode ser pensado somente a partir de uma relação binária e antagônica da cultura helenística com a judaica.

Data de submissão: 01/10/2024

Data de aceite: 14/11/2024



Referências

Documentação textual e material

ANDERSON, A. F.; GORGULHO, G. da S.; STORNILO, I. (ed.). **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 1987.

HANHART, R.; RAHLFS, A. (ed.). **Septuaginta**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

HERODOTUS OF HALICARNASUS. **The Histories**. Edited and translated by A. D. Godley. Cambridge: Harvard University Press, 1920-1925. 4 v.

NUNES, Carlos Alberto. **Ilíada/Homero**: (Em verso). 5ª Edição. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

PIETERSMA, A.; WRIGHT, B. G. (ed.). **A New English Translation of the Septuagint (NETS)**. New York/Oxford: Oxford University Press, 2007.

RE'EM, Amit (ed.). **The Qishle Excavation in the Old City of Jerusalem**. Israel Antiquities Authority; Israel Exploration Society, 2018.

Bibliografia

BASLEZ, Marie-Françoise. Polémologie et Histoire dan le livre de Judith. **Revue Biblique**, França, v. 111, n. 3, p. 362-376, 2004.

BERTHELOT, Katell. Hellenization and Jewish Identity in the Deutero-canonical Literature: A Response to Ben Wright. *In*: XERAVITS, Géza G.; ZSENGELLÉR, József; SZABÓ, Xáver (eds.). **Cannocity, Setting, Wisdow in the Deuterocanonicals**: papers of the Jubilee Meeting of the international conference on the Deuterocanonical Books. Berlin: de Gruyter, 2014. p. 69-88.

CAPONIGRO, Mark Stephen. Judith, Holding the Tale of Herodotus. *In*: VANDERKAM, James C. (org.). **No One Spoke Ill of Her**: Essays on Judith. Atlanta, Georgia: Scholars Press, 1992. p. 47-59.

GERA, Deborah Levine. **Judith**. Berlin & Boston: De Gruyter, 2014.

HOUCK-LOOMIS, Tiffany. **History through Trauma**: History and Counter-History in the Hebrew Bible. Eugene, Oregon (U.S.A.): Pickwick Publications, 2018.

KOSMIN, Paul J. The Hellenistic Period: History and Culture. *In*: KLAWANS, Jonathan; WILLS, Lawrence M. (org.). **The Jewish Annotated Apocrypha**: New Revised Standard Version. Oxford: Oxford University Press, 2020. p. 535-542.

LACAPRA, Dominick. **Compreender os outros**: povos, animais, passados. São Paulo: Autêntica, 2023.

MOMIGLIANO, Arnaldo. Time in Ancient Historiography. **History and Theory**, Connecticut, v. 6, Beiheft 6, p. 1-23, 1966.



MOORE, Carey A. Why Wasn't the Book of Judith Included in the Hebrew Bible? *In*: VANDERKAM, James C.(org.). **No One Spoke Ill of Her: Essays on Judith**. Atlanta, Georgia: Scholars Press, 1992. p. 61-72.

OTZEN, Benedikt. **Tobit and Judith**. London & New York: Sheffield Academic Press, 2002.

RAMOS, José Augusto Martins. O espaço do tempo, segundo o judaísmo. **Cultura**, Lisboa, v. 23, p. 1-19, 2006. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cultura/1470?lang=pt//>. Acesso em: 29 set. 2024.

REHFELD, Walter I. **Tempo e Religião: a experiência do homem bíblico**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.

SCHMIDT, Francis. **O pensamento do templo**. De Jerusalém a Qumran. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

SCHURER, Emil. **História do Povo Judeu no tempo de Jesus Cristo (175 b.C. -135 d.C.)**, v. 1. São Paulo: Academia Cristã, 2023.

STORNILO, Ivo. **Como ler o livro de Judite**. São Paulo: Paulus, 2018.

VAN HENTEN, Jan Willem. Judith as Alternative Leader: A Rereading of Judith 7-13. *In*: BRENNER, Athayla (ed.). **Esther, Judith and Susanna: A Feminist Companion to the Bible**. Sheffield (U. K.): Sheffield Academic Press, 1995. p. 224-252.

VLASSOULOPOULOS, Kostas. **Greeks and Barbarians**. Cambridge (U. K.): Cambridge University Press, 2013.

WILLS, Lawrence M. **Judith**. Minneapolis (USA): Fortress Press, 2019.

WILLS, Lawrence M. **Introduction to the Apocrypha**. New Haven & London: Yale University Press, 2021.

YUZEFOVSKY, Baruch. Lead Sling Bullets. *In*: RE'EM, Amit. **The qishle excavation in the old city of Jerusalem**. Israel Antiquities Authority; Israel Exploration Society, 2018.

